

## A PINTURA CORPORAL E A ARTE GRÁFICA ENTRE OS TEMBÉ

Lena Cláudia dos Santos Amorim<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo tem como propósito discutir como se constrói o conhecimento e identidade das crianças e jovens indígenas nas aldeias Sede e Cajueiro, situadas na Terra Indígena Alto rio Guamá. A discussão propõe apresentar que as práticas cotidianas viabilizam a aprendizagem desses sujeitos como a pintura corporal na relação com a afirmação da identidade. Nesse contexto o saber é construído pela oralidade, tendo como suporte as brincadeiras, a prática cotidiana e o ambiente que os cercam. Este trabalho analisa o conhecimento tradicional do povo Tembé, em consonância com as diversas realidades sociais e culturais, as quais são significativas para a identidade neste contexto, pois é necessário entender os questionamentos centrais como: de que modo é constituído o conhecimento da criança e do jovem em relação a sua identidade? A pesquisa teve como enfoque central o método etnográfico, e ainda como suporte a observação participante, entrevistas semiestruturadas e registros audiovisuais, nas aldeias do Guamá e Gurupi. Os sujeitos envolvidos foram às crianças, jovens, professores indígenas e não indígenas, pajés, os idosos que são responsáveis pela continuidade e transmissão dos saberes tradicionais de seu povo. Diante desse cotidiano o povo Tembé vivência momentos relevantes de aprendizagem, apresentando o quanto a pintura corporal é um elemento importante na afirmação da identidade.

**Palavras-chave:** Tembé. Crianças. Jovens. Pintura corporal.

### ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss how to build the knowledge and identity of indigenous children and young people in the Sede and Cajueiro villages located in the Alto Guamá Indigenous Land. The discussion proposes to present that daily practices enable the learning of these subjects as body painting in relation to the affirmation of identity. In this context, knowledge is constructed by orality, having as support the jokes, the daily practice and the environment that surrounds them. This work analyzes the traditional knowledge of the Tembé people, in harmony with the diverse social and cultural realities, which are significant for the identity in this context, since it is necessary to understand the central questions such as: in what way is the knowledge of the child and the your identity? The research focused on the ethnographic method, as well as support for participant observation, semi-structured interviews and audiovisual records, in the villages of Guamá and Gurupi. The subjects involved were children, youth, indigenous and non-indigenous teachers, shamans, the elderly who are responsible for the continuity and transmission of the traditional knowledge of their people. In the face of this daily life the Tembé people experience relevant moments of learning, presenting how much body painting is an important element in the affirmation of identity.

**Keywords:** Tembé. Children. Young. Body painting.

### INTRODUÇÃO

Antes adentrar no tema central de artigo se faz necessário apresentar que os Tembé da Terra Indígena Alto Rio Guamá – PA estabelecem, em suas representações e práticas

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia no PPGCS Mestre em Antropologia Social e Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PPGCS/UFPA. E-mail: amorimesmeralda@gmail.com

socioculturais, uma divisão territorial e identitária no nível intraétnico, relacionada com os rios Guamá e Gurupi que atravessam a Terra Indígena, diferenciando entre os habitantes do rio Guamá e os do rio Gurupi. Estas representações territoriais e identitárias se configuram cotidianamente nas relações históricas, socioculturais e políticas ocorridas nesses espaços. Portanto este artigo vem apresentar discussões que giram em torno do processo identitário do povo indígena Tembé, considerando as representações e práticas de como a pintura corporal utilizada pelas crianças indígenas nos diversos ritos presentes na vida cotidiana da criança indígena tanto no Guamá como no Gurupi.

É no cotidiano da criança Tembé que se pode analisar e compreender como a identidade é construída neste espaço indígena e fora dele, pois observando a dinâmica sociocultural nas duas aldeias, foi possível perceber que o povo Tembé interpreta seu sentido de identidade geralmente associado às manifestações culturais. Dessa forma acionam-se as festas e os ritos, mas também a língua, a pintura corporal e o artesanato, como intenso processo de aprendizado que se inicia desde o nascimento da criança.

Dessa forma a criança Tembé desde muito pequena estabelecem um elo entre o saber tradicional de sua comunidade e o processo de escolarização mediado pelas instituições de ensino neste espaço. O trabalho apresentará como os Tembé do rio Guamá e do Rio Gurupi organizam esse aprendizado da criança em seus ritos, e também compreender como a identidade pode ser estabelecida dentro e fora das aldeias.

## **1. IDENTIDADE DENTRO E FORA DA ALDEIA**

No campo de pesquisa e nos diálogos informais questionei como os Tembé expressam sua identidade étnica dentro e fora da aldeia, e esse posicionamento trouxe dimensões importantes de serem consideradas, pois dependendo do contexto se dava ou não o reconhecimento de sua identidade Tembé.

Nesse sentido, entendeu-se que o processo identitário do grupo se configura de forma individualizada quando necessário e de forma coletiva quando os elementos em questão são ações políticas e sociais. Para os Tembé da aldeia Sede (rio Guamá), é necessário saber como funciona o mundo do “branco”, pois em uma determinada situação “ser índio” é bom e em outras é viver com o preconceito por parte dos “brancos”. O depoimento de Ubirajará<sup>2</sup>, sobre sua própria identificação fora da aldeia, relata que:

---

<sup>2</sup> Ubirajara é um dos jovens que estuda para ser cacique na aldeia Sede.

Às vezes é muito difícil ser índio. Quando saio da aldeia penso duas vezes antes de dizer minha verdadeira identidade, pois depende muito da situação. Uma vez estava na rua e aí me perguntaram de onde eu era: disse que era da aldeia Sede. Logo ouvia os comentários é índio, as conversas baixas, principalmente quando estamos num público como o hospital, por exemplo, às vezes não é legal. (Diário de campo).

Além das especificidades acima mencionadas, onde o processo identitário configura-se de forma individual, busquei identificar no cotidiano dos Tembé, que elementos socioculturais, em termos de práticas e representações simbólicas, poderiam se constituir em aspectos significativos na expressão do sentido de identidade étnica do grupo.

Em algumas entrevistas com lideranças políticas, a questão da identidade do grupo era um fator primordial a ser mencionado, considerando aspectos como pintura corporal e o artesanato, pois cada um desses elementos expressados no corpo e na cultura material é uma representação da identidade Tembé.

Portanto a identidade é pensada e acionada pela coletividade no momento de reivindicações políticas e expressa em manifestações culturais como a língua Tembé, a dança *Kaê-Kaê*, a Festa da Moça (*Wyra'u haw*). Nesse sentido a pesquisa revela que para o povo Tembé esse reconhecimento individual e coletivo, constitui um elemento político a ser acionado sempre que necessário, pois constitucionalmente é importante essa identificação para garantir direitos como a permanência no território estabelecido a partir do processo histórico-cultural do grupo.

Assim, conservar e fortalecer algumas das expressões culturais é uma forma de garantir a permanência no território. Para os Tembé, além da cobrança da sociedade brasileira, é preciso buscar a identidade nos ritos que ainda estão vigentes, principalmente na aldeia Cajueiro (rio Gurupi), como a “Festa da Moça (*Wyra'u haw*)”, e na aldeia Sede (rio Guamá) a Pintura corporal, e através desses ritos expressar o que é ser Tembé dentro e fora da aldeia.

Entender o processo identitário de um grupo requer abordar os elementos que dão sentido e razão de ser ao grupo, ou seja, o que cria nos Tembé um sentimento de pertencimento a uma coletividade. Para Barth (1998), a compreensão de grupo étnico está centrada numa ênfase relacional. Essa abordagem parece superar a problemática dos pólos do subjetivismo-objetivismo, pois para o autor, compreender o fenômeno da identidade exige passar pela ordem das relações entre os grupos sociais. Sendo assim, o autor sustenta que: “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, têm a característica de organizar a interação entre as pessoas”.

Nesse sentido, a noção de pertença destacada por Barth (1998, p. 195) está relacionada com a questão das fronteiras:

As fronteiras às quais devemos consagrar nossa atenção são, é claro, as fronteiras sociais, se bem que elas possam ter contrapartidas territoriais. Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifesta a exclusão. Os grupos étnicos não são simples ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e os diferentes modos pelos quais eles se conservam, não só por meio de um recrutamento definitivo, mas por uma expressão e validação contínuas, precisam ser analisadas.

Considerando a noção de grupo étnico é importante analisar as culturas diferentes, pois segundo Benedict (2005, p. 49) é necessário discutir a diversidade de culturas como resultado não apenas da facilidade como as sociedades elaboram ou repudiam aspectos possíveis de sua existência, mas também entender a complexidade com que as feições culturais vão se configurando.

Dessa forma é necessário entender as transformações socioculturais que os povos indígenas vivenciam as quais estão ligadas ao processo de identidade, seja de forma individual ou coletiva. Assim Ribeiro (1970, p. 13), na condição de agente indigenista, escreve sobre os contatos interétnicos, e apresenta o conceito de "transfiguração étnica", definida como:

Um processo através do qual as populações indígenas em contato com a sociedade nacional preenchem os requisitos necessários à sua persistência como entidades étnicas, mediante sucessivas alterações em seu substrato biológico, em sua cultura e em suas formas de relação com a sociedade.

A partir do conceito de "transfiguração étnica" como processo de mudanças culturais, foi possível perceber que afirmar-se enquanto Tembé pode ser também uma opção individualizada, principalmente quando se está fora da aldeia. Nesse sentido é importante verificar como se configura a divisão identitária nos dois espaços de pesquisa, a aldeia Cajueiro (rio Gurupi) e aldeia Sede (rio Guamá), verificando como em ambas as aldeias se configuram a identidade, de que forma e que elementos os Tembé apontam como símbolos de identidade individual e do grupo, pois se sabe que a primeira referência apontada no nível intraétnico pelos Tembé são os rios Guamá e Gurupi.

O contato com a sociedade regional foi preponderante para estabelecer novos ritmos nas manifestações culturais, pois nas duas aldeias pesquisadas, os depoimentos sobre a entrada dos brancos no espaço indígena, os quais trazem mudanças no modo de vida do povo Tembé, estão muito presentes.

Portanto, essa nova configuração estabelecida no contexto interétnico, traz aos Tembé uma nova visão de vida no espaço da aldeia. Para Cardoso de Oliveira (1994, p. 70) isto pode

ser explicado com o conceito de “cultura do contato” que pode ser mais do que um sistema de valores, sendo o conjunto de representações, visto que,

É no interior de uma determinada “cultura de contato” que poderemos nos propor a buscar soluções para problemas de caráter geral, como o grau de sistematização e consistência entre diversos valores que coexistem numa cultura, tanto quanto questões mais específicas como o padrão de coerência entre o sistema de valores [...] e os mecanismos de identificação étnica.

Para Cardoso de Oliveira (2006) a noção de que o contato entre duas ou mais etnias assume um caráter sistêmico, a partir de certo momento estruturalmente determinado, constitui a base do modelo, ou seja, o sistema interétnico começa a se constituir a partir do momento em que se cria certa interdependência entre os grupos étnicos em contato e se cristaliza quando tal interdependência se torna irreversível.

Para as lideranças Tembé, essa inter-relação com a cultura do branco é um dos elementos que afasta os jovens do reconhecimento de sua própria identidade fora da aldeia, pois quando são questionados sobre os ritos do seu povo, os mesmos dizem que já sabem, que todo ano é a mesma coisa, que não tem muita novidade. Rituais como a “Festa da Moça (*Wyra’u haw*)”, realizados na aldeia *Teko-haw* (rio Gurupi) e Frasqueira (rio Guamá), tem sofrido mudanças devido vários elementos apontados pelos organizadores da festa, como a falta de caça, penas para a confecção da roupa, os jovens que já se recusam a participar.

Falar de identidade, hoje, pressupõe também entende-la enquanto uma atitude política, ou seja, perceber as contradições históricas que estão permeando as práticas sociais. Com isso, é fundamental perceber a identidade em conexão com as relações sociais, pois no meio social a identidade tanto expressa à individualidade humana, como também demonstra a relação do ser social e seu movimento na sociedade.

Nesse sentido, é possível identificar que a partir das relações externas o processo identitário, dentro do contexto indígena, vem sendo questionado pela comunidade, pois é evidente que o contato com a sociedade nacional trouxe mudanças significativas para o cotidiano Tembé e principalmente no reconhecimento do grupo.

Bourdieu (2001) enfatiza que o conceito de *habitus* é um instrumento analítico que auxilia no entendimento das visões de mundo e sistemas de classificação em que os indivíduos estão inseridos. O *habitus* é apreendido e gerado na sociedade e incorporado pelos indivíduos; este conceito é entendido como um sistema caracterizado no passado e orientando para uma ação no presente; sendo um sistema em constante reformulação. O conceito de “*habitus*” é importante para identificar as mudanças ocorridas em nível sociocultural no espaço indígena.

Para os Tembé da aldeia Cajueiro (rio Gurupi), a cultura do “branco” se faz presente nas músicas internacionais e nacionais, nos novos ritmos dançantes e no acesso a alimentos industrializados. Todos esses elementos mudam a dinâmica do grupo em termos sociais e culturais. Em meio a esta realidade Barth (2000, p. 26) explica que as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais, pelo contrário, a interação social é frequentemente a própria base sobre a qual os sistemas sociais são construídos.

O mundo globalizado também se faz presente nas aldeias, e para as lideranças Tembé, a questão é como direcionar as crianças e jovens para essa nova configuração. As lideranças enfatizam a importância e a permanência de determinados rituais, e para que esses eventos permaneçam minimamente é preciso que os jovens participem e sejam atuantes. Os mais antigos e os professores indígenas ensinam a importância da cultura Tembé nos eventos ocorridos neste espaço. Ainda na reflexão de Barth (2000, p. 39) é necessário considerar que:

Há grandes diferenças entre os sistemas sociais quanto ao grau em que a identidade étnica como status imperativo cria restrições à variedade de status e papéis que a pessoa pode assumir. Nos casos em que os valores distintivos ligados a identidade étnica forem relevantes apenas para poucos tipos de atividade, a organização social nela baseada será igualmente limitada.

A reflexão de Barth (2000) é útil para analisar a questão identitária nos Tembé situados na aldeia Sede (rio Guamá) onde a identidade étnica torna-se mais vulnerável, pois segundo Nazaré Tembé, “a língua já não é falada. Os adolescentes hoje querem aprender é inglês e não a língua Tembé. É importante inglês mais a língua Tembé é que mostra quem somos”. Na aldeia Sede, segundo alguns professores indígenas, as crianças e adolescentes já estão habituados a viver como os brancos estando dentro do próprio território, isso é difícil porque, segundo Iara Tembé, “branco é branco, índio é índio”.

## **2. ALDEIA CAJUEIRO (RIO GURUPI) O QUE É A TAREFA DO INDIO?**

Os depoimentos das lideranças da aldeia Cajueiro (rio Gurupi) revelam uma situação que vem sendo trabalhada pelos Tembé e é tema de discussão: como manter a identidade do grupo e registrá-la partindo do enfoque cultural? Visto que a diversidade cultural é vivenciada dentro da aldeia de forma íntegra, pois o mundo globalizado também está na aldeia, a questão é como lidar com essa diversidade cultural em um único espaço como no caso da Terra Indígena Alto rio Guamá. Tanto para os Tembé do rio Guamá como para os do rio Gurupi, é difícil lidar com o mundo dos brancos que está dentro da própria aldeia, mas que é necessário quando se trata de questões políticas.

De fato, trata-se de compreender a particularidade do processo de construção da identidade a partir das mudanças culturais, das questões políticas envolvidas, mas também dos diversos valores socioculturais que se constituem como referenciais identitários para o grupo.

Pois segundo Guaraci Tembé da aldeia Cajueiro (rio Gurupi), é bastante evidente a “cultura branca” nas brincadeiras das crianças e no gosto musical dos adolescentes como tecnobrega, músicas internacionais. No contexto atual “o índio deixa de fazer as coisas de índio, de aprender as músicas e danças de índio para aprender as do branco.” Toda essa expressão cultural do branco, segundo Guaraci, é bastante presente nesta aldeia, “e a questão é o que fazer quando o índio não quer mais fazer tarefa de índio?”.

No caso dos Tembé é preciso entender até que ponto o contato foi significativo para as mudanças de estrutura social. Radcliffe Brown (1975), no seu estudo sobre estrutura social, destaca como alguns valores são considerados determinantes nas relações sociais, ou seja, é necessário o interesse mútuo de pessoas, ou um ou mais interesses comuns. É preciso que os Tembé identifiquem os valores culturais que os tornam Tembé, diante da sociedade nacional. Pois quando o professor Moacir Tembé<sup>3</sup> destaca a importância da sua cultura, como afirmação da identidade, vem à tona a reflexão até que ponto essas relações externas contribuíram para o processo identitário Tembé. Nesse sentido, Moacir caracteriza que um dos pontos centrais para se pensar a estrutura social dos Tembé atualmente e levanta a questão: “o que se aprende na escola sobre o povo Tembé? O quê de fato é necessário para a aldeia Cajueiro em termos sociais, políticos e culturais?”

No que se refere ao sentido da identidade e nos depoimentos das lideranças políticas da aldeia Cajueiro (rio Gurupi), o povo Tembé não pode esquecer suas tradições e para isso é necessário que os seus rituais sejam ensinados para os mais novos, e dessa maneira garantir a permanência das tradições Tembé e analisar o que é identidade para os Tembé da aldeia Cajueiro (rio Gurupi) e Sede (rio Guamá).

### **3. ALDEIA SEDE (RIO GUAMÁ): *MUPINIM HAW* E A PINTURA CORPORAL**

Na aldeia Sede foi possível encontrar outros elementos considerados importantes no processo de afirmação da identidade, tais como a pintura corporal e o artesanato. Nesse espaço de pesquisa, a pintura corporal é uma expressão de afirmação de identidade acionada

---

<sup>3</sup> Professor Tembé da aldeia Cajueiro fala as seguintes línguas: Português, Tembé, Ka’apor e Guajajara. É responsável pelos ensinamentos de seus ancestrais aos jovens da aldeia.

nos momentos de festas, eventos culturais e reivindicações políticas. Atualmente, quem domina a arte da pintura corporal na aldeia Sede são os mais jovens, orientados pelos adultos.

No campo foi possível vivenciar os preparativos da “festa do índio” no dia 19 de abril de 2012. Dias antes do acontecimento, as meninas vão retirar a tinta do Jenipapo (*Genipa americana* L.). A pintura é estabelecida por faixa etária: primeiro os mais idosos, depois os mais jovens e por último as crianças. A sessão de pintura corporal acontece na casa das senhoras mais idosas onde são pintadas somente as mulheres; terminando esse segmento, passa-se a pintar os homens e jovens Tembé.

De acordo com os mais antigos há pintura de mulher e de homem. Para as mulheres a pintura corporal utilizada é pintura da cuia e da jibóia, já para os homens além das duas pinturas citadas, as quais são utilizadas nas festas, há a pintura da onça, boca de macaco que são representados corporalmente nos momentos considerados pelos Tembé de luta e reivindicações.

A arte da pintura corporal é um dos rituais de socialização dos Tembé, tanto para as mulheres quanto para os homens. Nesse momento eles descrevem o que é a pintura feminina e masculina, ou a pintura que ambos os sexos podem utilizar no momento de festa. É nesse instante que a técnica da pintura corporal é aperfeiçoada pelos mais antigos, orientando os jovens sobre como devem pintar. Sendo a pintura corporal uma manifestação da identidade do grupo, foi possível perceber o cuidado para que todos utilizassem somente as pinturas Tembé.

Para a jovem chamada Moema, relatou uma situação vivenciada por outra jovem Tembé que num encontro indígena em Belém, ela utilizava uma pintura que não era Tembé, sendo identificada por uma mulher de outra etnia que perguntou: “Vocês não tem pintura, essa pintura é nossa, vocês não devem usar nossas pinturas, usem a pintura de vocês.”

A situação acima relatada causou constrangimento para a jovem Tembé foi de conhecimento de toda aldeia. A partir desse evento, os mais antigos que dominam a pintura estão sempre por perto para garantir que no momento de festas sejam utilizadas somente as pinturas Tembé.



Atualmente quem domina a arte da pintura corporal na aldeia Sede (rio Guamá) são as mulheres mais idosas e aos poucos vão passando as técnicas para as mais jovens, que no momento dos eventos tem a responsabilidade de pintar todos (homens e mulheres). É importante destacar que alguns homens mais idosos já dominaram a técnica da pintura, mas atualmente já não pintam, algumas vezes orientam somente se a pintura estiver errada. Pois segundo as senhoras mais idosas é costume dos Tembé lambuzar as crianças quando nascem:

Quando as crianças nascem, nós lambuzamos ela todinha de jenipapo, ela fica toda escurinha, serve para a pele dela ficar bem limpa e protege ela de tudo, de coceiras, de quebranto. Logo após sua explicação Moema foi pedindo e afirmando que ia pintar a minha filha, nesse momento com três meses, ainda brincou que a primeira vez ela escapou porque "não tínhamos tirado jenipapo, mas agora temos jenipapo". (Diário de campo).

As imagens a seguir apresentam alguns dos preparativos que antecedem a festa como a retirada do Jenipapo e o Urucu, matérias-primas que serão utilizadas na pintura corporal. Nesse momento as crianças interagem ajudando no processo e são ensinadas pelos adultos. Para os indígenas é muito importante essa interação, pois o aprendizado das crianças sobre o ritual e esses preparativos não se ensina na escola.





A pintura corporal é um elemento que apresenta vários significados que dependem do contexto em que os Tembé acionam esta forma de representação identitária, bem seja nos eventos culturais ou nas reivindicações políticas. Em conversa com Iracema<sup>4</sup>, ela explicava a pintura corporal no contexto escolar, pois a escola institucionalizada exige que todos os alunos usem o uniforme, mas no contexto da sociedade Tembé a configuração é outra.

A escola Tembé funciona da seguinte forma: não se exige que os alunos usem o uniforme, podem vir com suas roupas, mas também enfatiza que não podem assistir aula nús, isto é somente de short para os meninos ou de saia ou de *sutien* para as meninas. Enfatiza que podem assistir as aulas “nús” desde que estejam pintados da cintura para cima, pois segundo Iracema, para o povo Tembé a pintura corporal é como se fosse uma roupa, ou seja, é como se estivéssemos vestidos. (Diário de campo)”.

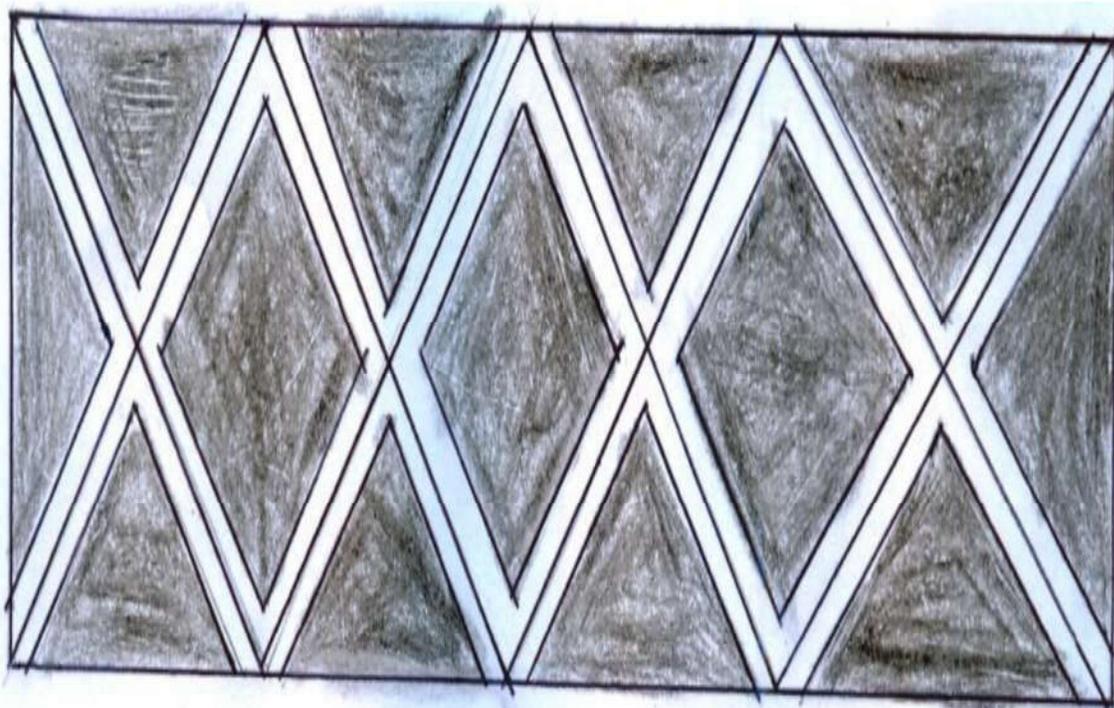
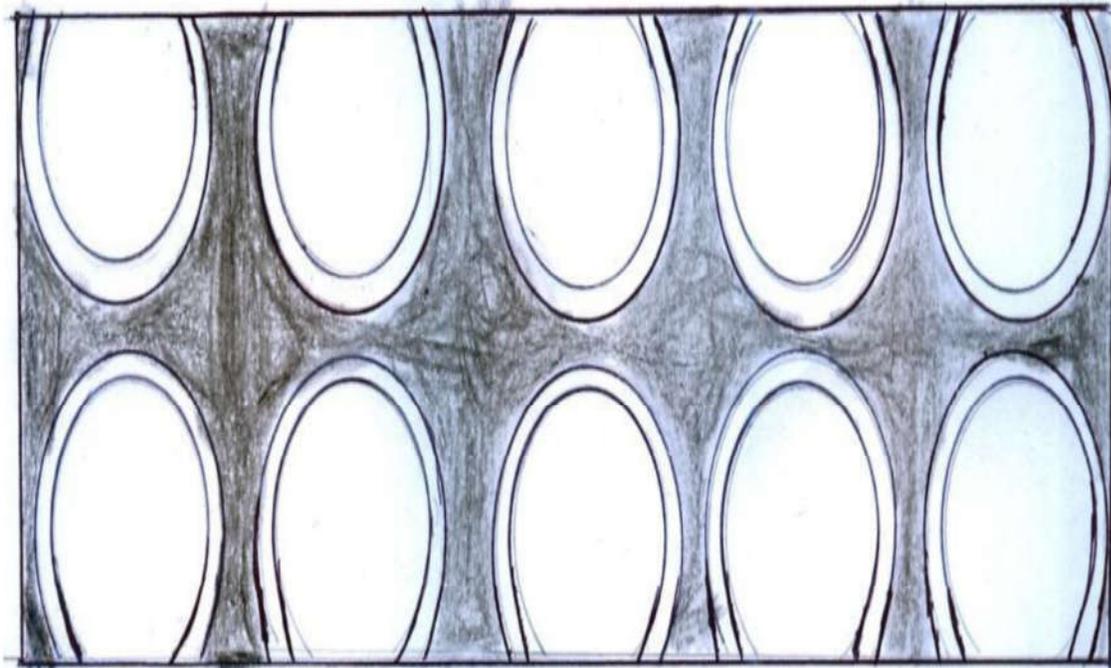
---

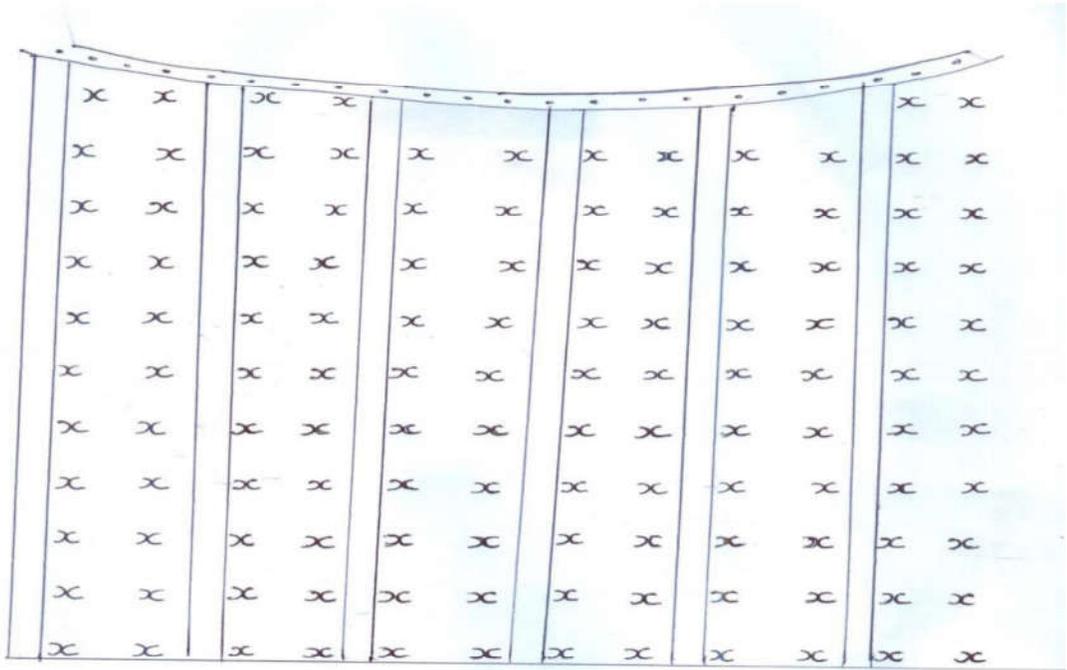
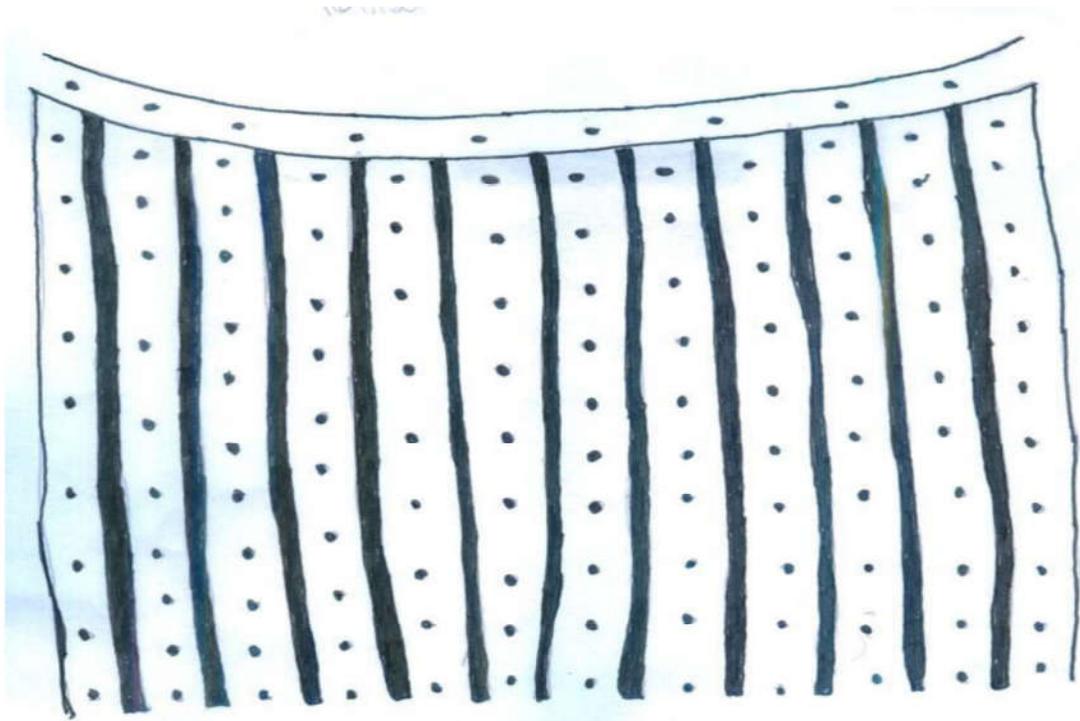
<sup>4</sup> Diretora da Tembé na Terra Indígena Alto rio Guamá



A pintura no corpo de Tarril é uma forma de apresentar a cultura Tembé, sendo então uma expressão identitária do grupo. Os grafismos da pintura que ele leva são denominados “caracol” e “escama de peixe” (*Pira pires/ Mupinim haw*). O indígena mostra que a pintura é uma forma de valorizar também os animais que já estão ficando extintos.

Como podemos observar, entre os Tembé a pintura corporal possui vários significados, de acordo com o contexto sociocultural e político. Cada pintura tem sua história e é utilizada em ocasião específica, por exemplo, a pintura da onça (*Zawar Muripinim haw*), é mais utilizada no momento de “guerra”. Já a pintura da cuia (*Cowaw Muripinim haw*), nos momentos de festas, a seguir algumas representações gráficas das pinturas mais usadas nas festas e ritos.







zandar eMupinin haw

PINTURA DA ONÇA



Kdi zuru eMupinin haw

PINTURA BOCA DO MACACO

eMancilene Kuzo'i Tembê - 23/04/2011

A pintura é acionada em momentos de festa, mais é também um elemento que está inserido no cotidiano Tembê. Interagindo mais em campo foi possível perceber tal expressão cultural, que no momento propício é estabelecida como se fosse um ritual de aceitação pelo grupo. Foi assim que vivenciei a experiência de ser pintada pela primeira vez.

A partir do momento que Yara Tembê<sup>5</sup> decidiu que eu seria pintada, fui me preparado para esse dia. Sempre que me encontrava repetia a seguinte frase: “amanhã vou te lambuzar de Jenipapo.” Um dia antes de sair da aldeia ela chegou bem cedo para deixar a arte Tembê expressa no meu corpo, traçou nas minhas pernas e braços a pintura da jibóia, ou “o caminho da cobra” (*Arapuha moz Muripinim haw*).

A princípio eu tive que me acostumar primeiramente com a idéia de estar, como dizem os Tembê, “lambuzada de jenipapo”, depois com o olhar do grupo em relação a mim e a pintura que se encontrava no meu corpo e, por último, com um olhar externo à aldeia, ou seja, na cidade. Essa experiência é única e nesse momento passamos a entender um pouco do que é ser indígena fora do seu território, os olhares de repressão e alguns comentários como: “essa daí é índia, olha a pintura dela”.

<sup>5</sup> Trata-se de uma moça de 15 anos que domina a arte da pintura corporal.

Nesse momento entendi a dimensão dos relatos ouvidos na aldeia Sede, onde alguns professores indígenas afirmavam que não é fácil ser indígena fora da aldeia, ainda mais pintado.

### 3.1. PINTURA DA MÃE D'ÁGUA

Raoni Tembé esclarece a relação da pintura do corpo e o meio ambiente, sua descrição gira em torno das músicas que cantava, dos instrumentos que tocava e da pintura corporal denominada de “Mãe d’água”. Em seu relato Raoni, destaca que não é todo mundo que pode usar essa pintura específica, e descreve os efeitos desse processo:

Olha, a pintura da mãe d’água é feita no corpo todo. Se bem me lembro era em forma de círculo. Essa pintura fiz poucas vezes, pois ela é muito forte, e só pode ser feito no homem. Pois quando começava a pintar, eles começavam a passar mal, era suor frio, pareciam que eles iriam perdendo a força. Quando fui pintando, aconteceu a mesma coisa, um calafrio, um suor parecia que iria desmaiar, aí o índio parou a pintura e foi dar uma volta, depois volto achando graça para a minha cara. Quando a gente faz a pintura da mãe d’água não pode ir para o mato, porque a gente pode ficar encantado. Que me ensinou essa pintura foi um índio”. (Diário de campo).

Como se observa no relato acima muitas são histórias envolvendo o rio e a mata, estabelecendo assim uma direta relação entre o Tembé e seu habitat. Segundo Raoni, depois da experiência vivenciada, ele não pintou e nem quis ser pintado com a pintura da mãe d’água.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos anos, com as mudanças políticas, os Tembé entendem que as expressões culturais devem estar cada vez mais presentes, como o uso da língua, no caso da aldeia Cajueiro a língua, a festa da moça, no caso da aldeia Sede a pintura corporal e o artesanato.

Na aldeia Sede (rio Guamá) esse processo identitário se faz presente na pintura corporal utilizada pelo grupo. As pinturas do seu povo não são acionadas somente no momento de festa, mas também na vida cotidiana. Outro aspecto importante na identidade dos Tembé da aldeia Sede é destacado no artesanato feito pelos Tembé, onde a cultura material produzida nesse espaço de pesquisa é demonstrada como ponto forte da identidade Tembé.

Para os Tembé situados a margem do rio Gurupi, essa festa representa o processo identitário, o qual está relacionado com o território e o conhecimento tradicional que é

apresentado e transmitido nos rituais. Segundo os indígenas, para se entender a “cultura” Tembé, é necessário visualizar todas as etapas rituais, pois neste evento tudo está interligado, ou seja, a identidade, o conhecimento tradicional de seu povo e a importância desse processo cultural para os Tembé. Entende-se que (...) a “cultura”, uma vez introduzida no mundo todo, assumiu um novo papel como argumento político e serviu de “arma dos fracos...” (CUNHA, 2009).

Conclui-se que a identidade, seja do indivíduo ou de um grupo, é acionada dependendo dos contextos sociais, culturais e políticos vivenciados. No caso em estudo, há necessidade de reconhecer-se enquanto Tembé, como forma de reivindicar direitos culturais e territoriais. O processo de revitalização do povo Tembé e as novas formas de luta que no momento estão assumido, são manifestações evidentes da importância das relações entre conhecimentos tradicionais, identidade e afirmação do seu território.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Frederick. **Os grupos étnicos e suas fronteiras**. Rio de Janeiro. Contra Capa Livraria, 2000.

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura**. Lisboa: Livros do Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.59-74.

CUNHA, Manuela C. da. **Antropologia do Brasil**. Mito, história, etnicidade. São Paulo, Brasiliense/ EDUSP, 1987.

\_\_\_\_\_. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Naify, 2009

RIBEIRO, Berta G. “**Artesanato indígena, para que? Para quem?**” In O Artesão Tradicional e seu Papel na Sociedade Contemporânea. Funarte, Instituto Nacional de Folclore, 1983.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios: os Urubus-Kaapor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1970.

\_\_\_\_\_. **Meus índios, minha gente**. Brasília. Editora UNB, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. Editora Pioneira, 1976.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da Identidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.